

VIOLÊNCIAS, PRAZER E PODERES NA HISTÓRIA: DESIGUALDADES DE GÊNERO, RELATOS DE AMOR E DENÚNCIAS LITERÁRIAS

Ana Carolina Eiras Coelho Soares

Professora Adjunta do Programa de Pós Graduação em História e
Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás
Bolsista Pós-Doc FAPEG/CAPES
Coordenadora do GT Regional de Gênero da ANPUH-Goiás
anacarolinaufg@gmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa as imagens construídas a respeito dos discursos sobre as feminilidades e masculinidades criadas no romance best-seller "Cinquenta Tons de Cinza" realizando uma comparação com duas outras obras literárias: "Mas ele diz que me ama" e "Eu nem imaginava que era estupro". Busca-se a percepção das relações amorosas contemporâneas tentando perceber a construção discursiva e histórica sobre as noções de amor e violência, articulando-as às construções sociais primárias entre os gêneros. Esta pesquisa questiona, portanto, a forma como tal discurso romanceado está influenciando uma lógica que corrobora a desigualdade e a violência entre os gêneros

Palavras-chave: Romance. Relações de gênero. Violência.

ABSTRACT

This article analyzes the images constructed about the discourse on femininity and masculinity created in the novel bestseller "Cinquenta Tons de Cinza" making a comparison with two other literary works: "Mas ele diz que me ama" and "Eu nem imaginava que era estupro". Seeks the perception of contemporary romantic relationships of trying to understand the discursive and historical building on the notions of love and violence, articulating them to the primary social constructions between genders. This research asks, therefore, how this romanticized discourse is influencing a logic that supports inequality and violence between genders.

Keyword: Romance. Gender relations. Violence.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO

NÚCLEO DE
DOCUMENTAÇÃO
E INFORMAÇÃO
HISTÓRICA REGIONAL
NDIHR

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir as relações entre os gêneros construídas no romance trilogia “Cinquenta Tons de Cinza” buscando uma relação comparativa com os temas de dois livros que relatam as situações de violência contra a mulher: “Eu nem imaginava que era estupro”; e “Mas ele diz que me ama” para, através das relações de poder subjacentes ao entendimento da categoria de gênero, expressar as composições e contradições desse best-seller de venda e público e sua repercussão nacional. Neste sentido, proponho analisar os discursos destas obras, suas noções de “violência”, pensando de maneira comparativa, seus discursos, falas e sujeitos.

Os livros “Eu nem imaginava que era estupro” e “Mas ele diz que me ama” denunciam a violência contra a mulher de uma maneira clara e expressiva. Por outro lado, o romance “Cinquenta Tons de Cinza” apresenta um romance entre dois protagonistas, Christian Grey e Anastacia Steele, no qual ele a domina em todos os aspectos de sua vida, mas isso é percebido de maneira naturalizada, um gesto de amor e de proteção masculina. Assim, as construções das lógicas das relações amorosas perpassam determinadas noções construídas e imaginadas como desejáveis sobre o feminino e masculino na sociedade. O romance em análise, fenômeno de público e venda no Ocidente, reforça e endossa uma lógica de sensibilidade amorosa que possui em suas normas e comportamentos um silenciamento da possibilidade da violência e da desigualdade entre os gêneros, exatamente o que os livros “Eu nem imaginava que era estupro” e “Mas ele diz que me ama” ensinam que não é desejável em termos reais de relacionamento em um casal. É preciso investigar, de que maneira historicamente então tal discurso romanceado está influenciando uma lógica que mantém a desigualdade e a violência entre os gêneros.

Tendo surgido no início do século XIII em francês, a palavra “violência”, que deriva do latim *vis*, designando a “força” ou o “vigor”, caracteriza um ser humano com um caráter colérico e brutal. Ela define, também, uma relação de força visando a submeter ou constringer outrem. (MUCHEMBLED, 2012, p. 7)

A violência é um comportamento que assola a humanidade de diferentes formas e contextos culturais diversos. As lesões físicas, emocionais e sociais das vítimas estão diretamente vinculadas à maneira como foi exercido o ato brutal forçado contra a vítima. As desigualdades de gêneros apresentam um cenário no qual a violência exercida por homens contra mulheres inclui uma série de possíveis agressões, que reforçam os sentidos da dominação masculina e de uma estrutura histórica de delitos cometidos contra mulheres.

Já que não se conhece nenhuma sociedade sem uma organização de gênero, estariam as mulheres destinadas, em qualquer circunstância, a sofrer violência/ameaça no processo de seu adestramento? Em tese, o gênero representa uma diferenciação. Neste sentido, pode ser até mesmo muito positivo. Todavia, é extremamente negativo quando a diferenciação entre homens e mulheres se transforma em hierarquias, seja na direção de inferiorizar a mulher, como acontece em todas as sociedades em maior ou menor grau, seja na direção oposta. O ideal seria uma organização de gênero que mantivesse no mesmo patamar, quanto às probabilidades de exercício do poder, homens e mulheres. Condição *sine qua non* para isto consiste em atribuir o mesmo valor ao feminino e ao masculino. Esta é uma utopia feminista que vale a pena perseguir, mesmo porque ela traria enormes benefícios não apenas para as mulheres como também para os homens. (SAFFIOTI, 1994, p. 461)

Dessa maneira, livros best-sellers revelam uma edificação do tipo de expectativas desejadas em relação aos comportamentos entre os gêneros, existindo uma divulgação em massa e uma disseminação de valores sentimentais e sociais historicamente construídos. Os livros são uma maneira de ensinar as mulheres e os homens formas de viver e pensar. Se os livros que as mulheres e os homens lêem ensinam que é preciso forçar as relações, bater para obter excitação, resistir para ter conquista, o não da mulher é na verdade um sim dissimulado. É necessário, portanto, que se faça uma análise histórica e antropológica dessa literatura e de como esses livros se articulam como uma linguagem que é consumida e lida em larga escala. Discutir a lógica da violência e como ela se transmuta em algo desejável socialmente, ou seja, na imagem do “mocinho”, é uma construção historicamente forjada no interior da sociedade ocidental extremamente relevante e traz a possibilidade da elucidação e visibilidade dos relatos pessoais, intrínsecos, individuais e idiossincráticos de situações, a despeito dos esforços e políticas públicas feministas, que propagam um tipo de amor que tem em suas bases a fragilidade inferior

feminina e a agressividade viril violenta masculina.

“Cinquenta Tons de Cinza” expressa o tipo de leitura que temos feito de nossas relações amorosas e sexuais e são justamente através desses discursos que os gêneros engendram seus espaços sociais e seus limites de atuação amorosa. As desigualdades entre os gêneros podem ser observadas com clareza na comparação das duas iniciativas de denúncia e tentativa de conscientização criadas através das produções literárias: “Mas ele diz que me ama”, publicado no Brasil em 2006 em formato de graphic novel pela editora Ediouro e “Eu nem imaginava que era estupro”, publicado no Brasil em 1996 pela editora Record/Rosa dos Tempos no Brasil. São iniciativas de grupos particulares envolvidos e sensibilizados em uma agenda que tenta diminuir o imenso abismo que existe na hierarquia da violência entre os gêneros e que acreditam que livros são formas de divulgação de mensagens que podem beneficiar o rompimento com o silêncio em torno das questões que envolvem a violência.

Em ambas as publicações explora-se a imagem de que o homem é criado para ser historicamente agressivo e a mulher mais passiva e submissa, o que a tornaria mais suscetível às ameaças masculinas. No entanto, é preciso compreender as lógicas que permeiam os sentidos de nossas escolhas enquanto sociedade. Embora as mulheres contemporâneas no Ocidente tenham avançado em termos de conquistas econômicas, sociais, políticas e culturais ainda é uma realidade que no âmbito amoroso aprende-se que a investida sexual deve ficar a cargo, em sua maior parte, do domínio masculino. Em falas heteronormativas somos ensinadas a esperar e a não reagir.

Nesse sentido, se por um lado há uma prática de anuência, de outro há um reforço de um estereótipo da virilidade agressiva. Guardadas as devidas proporções, isso é a fórmula para o exercício tanto da desigualdade quanto de práticas e ações abusivas. Muito embora Saffioti (1994) advirta que existe uma espécie de mitificação do homem violento e que toda relação pressupõe a ação de ambas as partes, é necessário considerar os processos que desencadeiam tais posturas sexuais.

A violência deseja a sujeição consentida ou a supressão mediatizada pela vontade do outro que consente em ser suprimido em sua diferença. Assim, a violência perfeita é aquela que obtém a interiorização da vontade e da ação alheias pela vontade e pela ação da parte dominada, de modo a fazer com que a perda da autonomia não seja percebida nem reconhecida, mas submersa numa heteronímia que não se percebe como tal (...) Não se está, de forma alguma, afirmando que as mulheres são santas. Ao contrário, elas participam da relação de violência, chegando mesmo a desencadeá-la. Nem por isto, porém, a mulher detém o mesmo poder que o homem, não podendo, por conseguinte, consentir com seus desmandos ou com ele acumpliciar-se. Trata-se de uma correlação de forças, que muito raramente beneficia a mulher. Socialmente falando, o saldo negativo da violência de gênero é tremendamente mais negativo para a mulher que para o homem. (SAFFIOTI, 1994, p. 446)

É preciso compreender ainda que existe, nas sociedades ocidentais, uma maneira de sentir e pensar que justifica este tipo de comportamento social: a lógica romântica de relações entre os gêneros. Existe uma verdadeira pedagogia de sentimentos que move a sociedade: ensina-se a amar a norma, nada fora ou além dela, de maneira heteronormativa compulsória. O amor é a forma pela qual os seres humanos devem se relacionar e basear suas ações entre si. A lógica romântica que permeia os relacionamentos amorosos e sexuais foram historicamente constituídos desde o amor cortês medieval, mas ganharam uma acepção peculiar no século XIX quando os sujeitos estabeleceram determinados valores e escolhas individuais para suas conquistas amorosas.

Tal escolha é particularmente decisiva para a mulher, pois, em função da dominação masculina no setor econômico e da mobilidade social, residencial e ocupacional provocada pelo capitalismo, determina não só a relação pessoal mais importante da mulher como também seu futuro social, econômico e até geográfico. Assim, é natural que os sociólogos modernos vejam o amor romântico como uma decorrência necessária do sistema familiar conjugal; o fortalecimento dos laços intrínsecos entre marido e mulher é essencial para substituir a maior segurança e a continuidade da condição da mulher garantidas por sistemas familiares mais coesos e extensos e para fornecer à unidade conjugal isolada, em especial à mulher, uma forte ideologia de apoio. (WATT, 2010, p. 149-150)

É evidente que os avanços feministas do século XX deram novas feições e novas conquistas às mulheres. No entanto, com relação aos sentidos do amor que são propagados nos

produtos culturais e as maneiras como ainda se ensina a desejar, vivemos em uma sociedade preparada para o casamento e para o alicerce seguro e protetor do poder masculino sobre uma certa submissão feminina. As heranças culturais demonstram que os efeitos de longa duração da lógica romântica de amar ainda se colocam muito presente em nossas formas de sentir e viver.

Neste sentido, “Cinquenta tons de cinza” foram noticiados nas revistas e nos jornais como o grande romance da mulher contemporânea – o “pornô para mães” – um espaço literário que liberaria as mulheres para adquirir e ler abertamente uma literatura pornográfica que as excitaria e lhes traria prazer. Algo inovador e empoderador para as mulheres, em um discurso que sempre se frisava que seria um espaço literário para o prazer da mulher. Dessa maneira, é preciso ponderar que tipo de prazer está sendo vinculado e veiculado como algo intrínseco e natural da mulher.

Exemplo disso é a repercussão da (re)leitura da trama feita por leitores e leitoras de uma revista de grande circulação nacional brasileira a partir de trechos editados do “Cinquenta Tons de Cinza”. Em 2012, a Revista Marie Claire fez um concurso cultural literário premiando cinco leitoras ou leitores que criassem uma aventura erótica em formato de conto entre os dois personagens principais da trama do romance – Christian Grey e Anastacia Steele – e enviassem para a revista. As/os leitoras/es deveriam ler os trechos publicados na revista e se inspirar para produzir suas próprias histórias. Nesta perspectiva, há uma liberdade de sentimentos e experimentações sexuais possíveis revelando certa autonomia para o prazer da mulher em criar suas fantasias e aventuras. Dessa maneira, é possível perceber, em certa medida, como foram feitas as apropriações das leituras da obra literária e percebidas as nuances da relação de prazer e erotismo dos personagens.

As melhores histórias seriam publicadas na edição de Setembro, mas devido ao enorme sucesso, foram transformadas em pocket book e lançadas junto da revista de Outubro de 2012. Além disso, o vencedor ganharia um “kit erótico” da marca Reveleurs contendo uma série de produtos: “coleira em contas de pérolas sintéticas e cetim na côm marfim; algemas em contas de pérolas sintéticas e cetim na côm marfim; venda em renda com detalhes e fita de cetim na côm marfim; palmatória em couro metalizado na côm ouro; vibrador Soft Touch Metalizado MEU EGG, 7cm na cor dourada e preto à prova d’água importado”¹.

Ao final três mulheres e dois homens foram selecionadas/os. No entanto, o ganhador foi um homem e o título do conto vencedor é “Enquanto eu machuco você”. O conto é curto e narra uma relação sexual na qual a protagonista é ordenada a ir ao quarto do hotel do Grey e ao entrar é empurrada na parede, começa a apanhar e começa a sufocar. No meio do conto há uma alusão escrita a um estupro, mas isso é relatado como algo prazeroso e desejável pela mulher, pois o homem estaria tendo o domínio do corpo da mulher e saberia como lhe proporcionar prazer e fazê-la gozar, e por isso ela deveria ficar quieta e permitir que ele agisse daquela maneira para que ela alcançasse o ápice de sua performance sexual.

Ele tampa a minha boca e me empurra com mais força contra a parede. Sinto o meu próprio gosto na sua mão, que lambo como se não houvesse mais nada a fazer. Os dedos me penetram e passeiam pela minha língua. Ele já está encaixado atrás de mim, crescendo, pulsando, duro, quente. (...) Eu me desfaço nas mãos dele, que caminham para meu pescoço e me massageiam em ritmo cadenciado. Aperta e solta. Quero que ele me invada por todos os poros, esse homem me possui como nenhum outro já possuiu ou possuirá. Christian Grey conhece os atalhos do meu corpo, e suas mãos já não estão exatamente gentis. Mais e mais, sinto a força dos seus dedos comprimindo minha garganta e minha nuca. Sua ereção pulsa no mesmo ritmo em que suas mãos apertam meu pescoço. O movimento aumenta em força e velocidade, e faço menção de afastar suas mãos do meu pescoço –lembro num lampejo que no contrato havia uma cláusula, ou coisa parecida, informando que não faríamos nada que interferisse na minha respiração, mas é uma lembrança muito sutil que não chega a ganhar corpo a ponto de me fazer desistir. Simplesmente, não preciso respirar quando estou com ele. Minhas mãos já estão amarradas pela sua gravata, e ainda não tirei o vestido. Em que momento ele me amarrou sem eu perceber? Meu rosto está muito quente, e a pressão interna é tão poderosa que meu corpo vai explodir, um gozo incrível, uma sensação desconhecida de prazer domina a minha respiração que quase cessa, não penso mais em nada, estou isolada do mundo lá fora. Só tenho consciência do momento presente, e cada movimento de seu corpo sobre o meu é definitivo. Quase desmaio, mas ele tem total controle do que faz e me liberta na hora certa. Volto a respirar, volto à superfície e me vejo na cama, deitada de bruços. Não faço ideia de como ele me trouxe da parede para a cama, reconheço a cidade lá fora. Milhares de olhos luminosos testemunhando a minha submissão total a esse homem maravilhoso, quero engoli-lo de todas as formas para sempre. Ele entra em mim sem carinho,

com força, com muita força, com mais e mais força. Christian está sendo violento de uma maneira que eu ainda não tinha visto.

-
- Por favor...
- Cale a boca, Srta. Steele...
- Está machucando...
- É para machucar.

Estou assustada e adorando. Meu medo me excita e sinto o lençol já molhado embaixo de mim. Gozo com muita força e cada estocada dele me joga em outra dimensão, não sinto mais a gravidade, estou flutuando sobre Seattle, mas não sinto frio, não sei mais quem sou, minha existência só tem um sentido: dar prazer a ele. Se não puder, talvez seja melhor morrer. Meu pescoço novamente sente suas mãos. Ele força meu rosto contra a cama, minha voz e meus gemidos são abafados. Minha reação me surpreende quando ele me puxa para cima e pergunta:

- Tudo bem, Ana?
- Continua, não para.

Uau. Não acredito que disse isso. Você é uma piranha, Anastasia. Minha deusa interior está dançando em volta de uma fogueira e, por isso, o comentário do meu inconsciente só serve para me estimular ainda mais. Sou e gosto de ser uma piranha, uma puta safada, uma cadela nas mãos dele. Sou Tess e ele é Alec d'Uberville, e sinto uma plenitude deliciosa e inexplicável ao ser estuprada por ele de uma maneira que Thomas Hardy jamais teria imaginado. Quero que ele me invada, gemo e gozo de novo, gritando alguma coisa que nem eu entendo. Parece outro idioma, ele está vibrando dentro de mim, e me vira para o lado, levantando-se. Sinto sua rigidez aveludada socando minhas amígdalas, mas quero mais. Deixo que Christian me penetre com toda a força, preciso de cada gota do seu ser, tenho sede e fome de Mr. Grey, sua vibração cresce, e ele puxa minha cabeça com violência, vou engasgar mas não paro, se eu morrer assim, morrerei feliz. Foda-se, vem, me dá a sua porra, minha deusa interior suplica, e não sei se quem falou foi ela ou eu. Já perdi o domínio sobre o que eu falo ou deixo de falar.

Ele vem duro e cremoso, jorrando na minha boca. Engulo tudo, lembro das ostras naquele restaurante, e do gosto do mar. Agora o gosto que sinto é bem dele, do homem mais maravilhoso que qualquer mulher pode sonhar em ter, e o engulo com sede e desespero, quero todos os seus fluidos, hoje, agora, sempre. Respiro calma, estou acabada, e sinto uma tranquilidade muito particular, uma tranquilidade tensa, ao ver esse homem do meu lado, olhando sereno nos meus olhos, satisfeito porque eu o satisfiz. Nem parece o Alec d'Uberville estuprador de minutos atrás. Corre com seus dedos pelos meus lábios com uma mão, enquanto a outra alisa os bicos dos meus seios. Com a língua, acaricia minha orelha com leveza e outra onda me envolve, estou novamente pulsando lá embaixo, sinto que poderia viver assim, e me excitar ininterruptamente com isso. Estou ofegante outra vez. Quero senti-lo também dessa maneira, deixo que me acaricie e só lembro que ainda estou amarrada quando ele me solta, para, lentamente, descer com a língua da minha orelha para o pescoço e o queixo. Ai, Deus, como eu fiquei tanto tempo sem isso? Passou pelos seios e já está rodando a língua no meu umbigo. A qualquer momento vou gozar de novo. Não demora quase nada até que ele já esteja me chupando, mexendo delicado a língua no lugar milimetricamente exato. Tento segurar a avalanche que é meu terceiro orgasmo da noite, mas é impossível conter uma avalanche.

A sensação indescritível de estar dissolvida em milhões de partículas me atravessa, e não há nada que se possa fazer a não ser gozar mais uma vez. Olho pela janela e Seattle me observa condescendente e risonha, minha alma se enche de uma alegria que transborda, porque eu sei que sou uma piranha e adoro ser uma piranha para ele. Christian me beija e adormece.²

Quando ela reclama que ele a está machucando, ele afirma que o objetivo é esse e ela anui e permanece quieta. A grande questão que se coloca novamente é a aceitação completa, total e irrestrita de TODAS as imposições e necessidades do controle masculino, agora com o discurso da certeza da conquista do prazer, do orgasmo, atenção e carinho do parceiro. Em dois momentos do conto aparece a alusão a um estupro e isso é dito como algo parte de um jogo quase amoroso, apaixonado e envolvido em um enlace natural dentro de uma lógica sexual da conquista de um desempenho de um sexo mais apimentado e viril na qual a submissão condescendente da mulher assegura a posição "natural" da ordem dos gêneros e um estilo de vida sexual que, embora pareça moderno, mantém as mesmas composições de desigualdades na intimidade, pois todo o desenlace do prazer feminino está condicionado à sua submissão ao poder do masculino, apresentada de maneira violenta, escamoteado por um imaginário ficcional sentimental erótico.

A romantização do ato erótico coloca em cena a leitura de uma relação na qual a feminilidade se afirma na anulação da ação durante o ato sexual e o controle dos corpos está na virilidade, atributo da masculinidade. Dessa maneira, essa literatura organiza e endossa uma série de produções de verdades a respeito da sexualidade, que reforçam ideias de prazeres violentos entre os gêneros nas quais os segredos para alcançar os melhores orgasmos estão justamente nesses desempenhos sexuais permeados de jogos de poder.

RELATOS DE AMOR, RELATOS DA DOR

O livro “Eu nem imaginava que era estupro” foi realizado a partir de uma pesquisa feita pela revista norte-americana “Ms.”³ fundada em 1971 dentro da New York Magazine⁴ e estruturada como uma publicação feminista. Devido ao seu sucesso começou a ser editada regularmente em 1972 e defendeu temas como a revogação da lei da criminalização do aborto, violência doméstica e assédio sexual além de, na década de 1980 promover o seguinte estudo nacional norte-americano sobre estupro: O Relatório Ms. sobre o Reconhecimento e o Combate ao Estupro Cometido por Homens Conhecidos ou com Quem se Teve um Encontro e a Sobrevivência ao Mesmo.

O livro funciona como um verdadeiro manual para quem sofreu abuso sexual. Nele há um tópico que fala “O tipo errado de homem” no qual idealmente relaciona treze diferentes características que fazem um homem ser potencialmente agressivo e abusador. São como o livro alerta, sinais de perigo que as mulheres devem aprender a reconhecer e evitar. É possível identificar seis características claras em Christian Grey na narrativa do romance.

- Abusa de você emocionalmente (através de insultos, comentários depreciativos, ignorando sua opinião ou agindo rabugento ou zangado quando você inicia uma ação ou ideia)
- Diz-lhe de quem você deve ser amiga, como você deveria se vestir ou tenta controlar outros elementos da sua vida ou do relacionamento (ele insiste em escolher o filme que você verá, o restaurante onde você comerá e assim por diante).
- Ele fala negativamente sobre as mulheres em geral.
- Fica com ciúmes sem razão.
- Bebe muito ou usa drogas ou tenta fazê-la ficar bêbada ou drogada.
- Repreende-a por não querer ficar bêbada, ficar drogada, ter sexo ou ir com ele para um lugar isolado ou pessoal (o quarto dele, o seu apartamento ou outro lugar similar)
- Não permite que você divida quaisquer despesas de um encontro e fica zangado quando você se oferece para pagar.
- É fisicamente violento para com você e com os outros, mesmo que seja “apenas” agarrar e empurrar para abrir caminho.
- Age de forma intimidante em relação a você (senta perto demais, usa seu corpo para bloquear seu caminho, fala como se ele a conhecesse muito mais do que a conhece, toca-a quando você lhe diz para não fazê-lo).
- É incapaz de lidar com frustrações sexuais e emocionais sem se tornar zangado.
- Não a vê como alguém igual, ou porque ele é mais velho ou porque ele vê a si mesmo como mais inteligente ou socialmente superior.
- Tem fascinação por armas.
- Gosta de ser cruel com animais, crianças ou pessoas que ele pode maltratar. (WARSHAW, 1996, p. 220, grifos meus)

Sempre há algo fora de lugar. A denúncia ocorre para apresentar o quanto incomoda encontrar pessoas que aparentemente se comportam de maneira coerente, mas que possuem uma lógica de convívio que foge das possibilidades de um relacionamento social igualitário. As bases da desigualdade estão demonstradas em pequenos atos. Neste sentido, embora seja uma produção literária esse trabalho visa alertar para aspectos da realidade vivida e demonstra como relacionamentos com parceiros que apresentam tais características podem ser nocivos

para as mulheres. É interessante pensar em como a ficção dos “Cinquenta tons” vai glamourizar exatamente este tipo de personagem – agressivo, dominador, ciumento e possessivo – colocando em cena uma figura masculina que sempre se transforma, no final das contas, em interessante e protetor na narrativa da trama.

No livro “Mas ele diz que me ama”¹⁵ a personagem central feminina possui traços leves, agradáveis e sensíveis. Já o personagem masculino é redondo, áspero e pesado. O livro cria uma atmosfera que rompe com as amarras da violência a partir de um instrumento visual que discorre sobre a temática com fins pedagógicos que podem atingir um público amplo e ensinar a respeito dos danos causados às personagens que transitam em torno deste homem pesado que, de maneira vertical e horizontal, exerce o poder da violência. O traço parece fugir à análise da comunicação, mas representa um exercício de identificação sutil que coloca pouco a pouco as figuras em seus espaços: a filha, a mulher, o homem. Tudo no início parece estar no lugar, mas há algo fora da ordem. Do imaginário ao discurso do real, diversas são as questões interpretativas possíveis para as narrativas dos quadrinhos. As elaborações dos diálogos e das imagens transpassam as linhas das visualidades ao assumirem um caráter concreto nas representações dos quadrinhos buscando conferir noções de fragmentos colados, trabalhados, retalhados, soldados e reelaborados que dialogam constantemente na linha tênue entre o fictício e a mensagem, a respeito da violência contra a mulher, que se pretende criar como um movimento complexo e constante da relação do casal. Nessa obra, o homem constantemente pede desculpas pelas suas ações e volta a repeti-las cada vez mais intensamente, e com mais violência, culpabilizando inteiramente a mulher pelas suas atitudes e descontrole. A mulher é lenta e gradualmente enredada em uma teia de acusações, vergonha, situações embaraçosas, desrespeitosas e violentas. Assim, os quadrinhos remontam sua descida física e emocional nessa relação abusiva e as dificuldades da ruptura, muitas vezes intensamente dolorosa, desse envolvimento (des)amoroso. Felizmente, o livro termina com a mulher conseguindo sair da relação, embora profundamente marcada e ferida.

Ambos os livros, “Eu nem imaginava que era estupro” e “Mas ele diz que me ama”, descrevem figuras masculinas das quais as mulheres não deveriam sequer se aproximar. O lançamento nos EUA em 2009 do grande sucesso de vendas intitulado “Cinquenta tons de cinza” – que acabou se transformando em um trilogia romântica entre dois protagonistas, Christian Grey, um milionário bem-sucedido e Anastacia Steele, uma virgem mocinha recém formada em Literatura – contém elementos transitórios dessas noções entre o prazer e a dor. Isto ilustra uma certa naturalização da vinculação da “proteção masculina” à violência e controle sobre a mulher, a partir dos vínculos amorosos formados em um movimento que sofre as consequências sobre esse tipo de relação: as desigualdades entre os gêneros e seus deméritos físicos, materiais e simbólicos.

Christian Grey é o homem que se deve desejar. Ele é o alvo a ser amado. Anastasia Steele é a mocinha da história e deve amá-lo. De que forma tais narrativas estão forjando discursos históricos e sociais que vão na contramão da conscientização e da necessidade de um esclarecimento cultural mais amplo sobre as relações amorosas e as formas de viver, agir e amar? De que maneira é possível discutir sobre a violência de gênero frente a discursos literários tão disseminados em nossa contemporaneidade? As formas pelas quais homens e mulheres se organizam socialmente permitem essa violência? É preciso pensar em maneiras de discutir academicamente estas questões para que, no bojo do debate a respeito do índice crescente da violência, seja de agressões domésticas ou até mesmo situações de estupro que – de acordo com o IPEA, em 2014 atingem assombrosos números de 527 mil pessoas por ano no Brasil –⁶ se possam ampliar as falas e os discursos de atuação.

Dessa maneira, o diálogo das fontes é interessante, pois demonstra como a produção pode funcionar numa via de mão dupla, mas sempre com um discurso de forma foucaultiana pelo dito ou no interdito que atua como uma fala que molda, forjadora de ideias e emoções. As práticas dotadas de positividade funcionam como gestos que organizam e estabelecem relações agenciando e tramando ações e reações entre os discursos escritos e os sujeitos leitores. No ato de dizer e escrever se estabelecem, portanto, múltiplas possibilidades de relações sociais de poder, inscritas nas formas de linguagem e expressões selecionadas e no tipo de enredo que se arquiteta. As articulações da leitura e da escrita são dispositivos que ultrapassam práticas e ações sociais, mas seus discursos podem descortinar uma dada forma de saber, de poder e de

pensar em sociedade. Assim, os livros forjam modos de viver, saberes e poderes nos quais as práticas de leituras funcionam e se torna uma espécie de dispositivo de poder cujos mecanismos estão constituídos em uma série de tramas de seu suporte.

Na lista de "novos dispositivos" encontram-se a caneta, o celular, a literatura, e a "própria linguagem". Mas o que torna a caneta ou um livro, por exemplo, um dispositivo? Ou: que dispositivos possibilitam que eles se tornem elementos de capturação/modelação/orientação do sujeito? A resposta pode ser buscada em Foucault (1979), quando, após indicar as características de um dispositivo (dito e não dito, discursivo/não discursivo, leis/instituições), indica ser esse conceito a "rede" que atravessa esses elementos diferentes. Assim, não é o celular ou o livro em si que cumpre a função de dispositivo, e sim os valores e/ou discursos que a história inscreve neles, tornando-os elementos integrantes dos processos de subjetivação na atualidade. (JÚNIOR e SOUSA, 2014, p. 20)

É preciso com isso, entender que a literatura é uma fonte histórica de análise e revela como uma determinada sociedade pensa a si mesma na medida em que ela consome em larga escala um tipo de leitura específica. Esse é um forte indicador de que tais falas interessam e possuem respaldo social. De outra forma, é necessário entender que tipo de arcabouço social sustenta tais modelos sociais e compreender que existem outros discursos sendo produzidos socialmente. As falas denúncias, os relatos da dor e da violência produzidos no EUA e traduzidos no Brasil demonstram que existe uma preocupação no combate à violência de gênero. Resta entender como ela se engendra culturalmente em gestos, falas e ações repetidas no cotidiano social.

O romance é uma narrativa ficcional, mas pode estabelecer nexos identitários entre público e personagens no momento da apropriação das formas de leitura. São, portanto, os sentidos que se criam entre o fazer ter e o fazer ser do consumo nos interditos do ato de ler. Neste sentido, o romance ganha contornos de um discurso historicamente construído cujas falas são socialmente criadas a partir de lugares possíveis para seu público.

"Cinquenta Tons de Cinza" é um romance de falas de amor, prazer, dor e violência enviados⁷. O personagem central masculino Christian Grey é um homem profundamente controlador, obsessivo, possessivo que encontra a personagem feminina Anastácia Steele e ambos estabelecem uma relação sexual e amorosa que é o tema central do romance. Anastacia Steele é uma jovem mulher que aceita a submissão como forma de liberdade, a dor como forma de carinho e o gozo como forma de amor.

Quero esticar as pernas, mas não consigo me mexer, Ele está me prendendo, mantendo um ritmo constante, lento e tortuoso. É absolutamente delicioso. Gemo de novo, e ele muda de posição de repente. (...)

– Quero machucar você baby – murmura ele, e continua aquele doce tormento, sem pressa, indo e vindo. – Cada vez que você se mexer amanhã, quero que se lembre que estive aí. Só eu. Você é minha. (JAMES, 2012a, p. 110-111)

O excessivo controle, ciúmes e perseguição dele são romantizados como cuidados e vistos como parte do jogo amoroso. Os livros são permeados de cenas sexuais extremamente descritivas nas quais o sexo está no limite entre a dor e o prazer. Ela cede aos desejos e às vontades sexuais de Grey, mas o interessante das falas está não no sexo, mas na ideia de posse e submissão consentida. A conotação do prazer enquanto um espaço de dor controlado inverte os sentidos do prazer.

Fãs do romance alegam que Steele detém todo o controle da relação invertendo a hierarquia dos gêneros pois ela, na submissão, controlaria o jogo sexual. Neste sentido, é preciso compreender que tipo de fala está sendo veiculada e como ela vem sendo consumida, lida e pensada. Foucault alega que é preciso liberdade para o exercício do poder. Portanto, ambos não são mutuamente excludentes na medida em que as relações são construídas na resistência e na aceitação positiva do poder.

Dessa maneira, as relações de poder se constituem como espaços de hierarquias, lutas, jogos e disputas simbólicas entre as pessoas e complexas formas de estabelecimentos de materialidades sociais e culturais. As situações e possibilidades de resistências das pessoas envolvidas dependem do grau de autonomia conseguido em termos sociais. A aceitação positiva do poder pelas próprias mulheres endossa as desigualdades entre os gêneros. As hierarquias de gênero são espaços de disputa e a subordinação das mulheres é uma realidade

que faz parte de um conjunto de práticas e saberes construídos por uma série de indicadores. É preciso, portanto, uma luta diária contra as noções que diminuem e subordinam as mulheres socialmente.

– Quero que todo mundo saiba que você é minha.

– Eu sou sua... Olhe.

Levanto a mão esquerda, mostrando a minha aliança e meu anel de noivado.

– Não é suficiente.

– Não é suficiente que eu tenha me casado com você? – Minha voz é quase um suspiro.

Ele apenas pisca, registrando o horror no meu rosto. Aonde isso vai nos levar? O que mais eu posso fazer?

– Não foi isso que eu quis dizer – fala ele, ríspido, e passa a mão pelo cabelo, que acaba por cair em sua testa.

– O que você quis dizer?

Ele engole em seco.

– Quero que o seu mundo comece e termine em mim – diz ele, com expressão franca.

Isso me quebra completamente. É como se ele tivesse me dado um soco forte no estômago, ferindo-me e fazendo eu me dobrar de dor. E a visão que me vem à cabeça é a de um menino de olhos cinzentos e cabelo acobreado, um menino pequeno e amedrontado, dentro de roupas sujas e descombinadas e do tamanho errado para ele.

– E o meu mundo é assim – digo, e é verdade. – Estou apenas tentando estabelecer uma carreira e não quero trocar tudo pelo seu nome (...) (JAMES, 2012c, 142, grifos meus)

Dessa maneira, a noção de posse de Grey ultrapassa os limites da chamada normalidade das relações amorosas, mas é vista no romance como uma grande demonstração de seu carinho e de seu amor por Anastacia. A questão que se coloca é como isso se transpõe para o mundo social. As noções da realidade se colocam como um espaço onde as reações e os comportamentos não são semelhantes aos esperados pelas falas romaneadas. E são nesses sentidos sociais que estão as falas misturadas da violência e da dor.

A má comunicação contribui para os incidentes de estupro por alguém conhecido tornarem-se fatos sombrios e de pouca percepção. Essa má comunicação pode ocorrer porque homens e mulheres muitas vezes interpretam atitudes de comportamento e até conversação direta diferentemente. Em geral, os homens dão uma interpretação mais sexual ao comportamento e à conversação do que as mulheres. (WARSHAW, 1996, 83)

Não se trata de culpabilizar o comportamento das mulheres pela violência, mas de entender que a romantização de determinados discursos contribui para a existência de um cenário desfavorável das desigualdades entre os gêneros. Neste sentido, há uma espécie de condicionamento das mulheres para a fragilidade, insegurança e submissão – presentes nas características da personagem de Anastacia Steele –, que as fazem ser alvos fáceis como vítimas da violência. São as chamadas “vítimas seguras”.

A maioria das moças é ainda criada para pensar assim. São ensinadas direta e indiretamente (pelos pais, professores, companheiros de festas e modelos e papéis de cultura popular) para serem passivas, fracas e sem opinião própria. Espera-se delas que permaneçam nesse estado – isto é, infantil – mesmo depois de chegarem à maturidade e se tornarem jovens adultas e mulheres. Espera-se delas que sejam medrosas e inibidas, e elas não são encorajadas para desenvolver independência e autoconfiança. Em vez disso, aprendem a esperar dos homens proteção física e econômica. (WARSHAW, 1996, 98-99)

É muito interessante perceber a comparação dos personagens masculinos na literatura estabelecida aqui para análise. Enquanto nos relatos de dor, os homens querem o controle físico e econômico das mulheres de maneira bem explícita, no romance dos Cinquenta Tons de Cinza o discurso é pelo cuidado e carinho que Grey tem por Anastacia. Ele é controlador, mas ele a ama e isso justifica seus atos. O romance é uma narrativa de amor de fato, mas elaborada em falas discursivas da violência de gênero. Amor esse que parece permear a obra quando fala do romance entre os personagens e a superação do trauma de infância de Christian – que sofreu maus-tratos e, por isso, tem uma personalidade e características tão violentas – e justifica suas ações e temperamento. Dessa maneira, há uma articulação entre a forma tradicional da violência de gênero entre os sujeitos envolvidos na trama e a construção de uma lógica romântica que alicerça o universo ficcional argumentando que situações pregressas na vida do sujeito abonam seus atos no presente e em função das quais o passado absolveria o presente.

Neste sentido, é preciso pensar que tipo de narrativa é essa que se pensa excitante sexualmente e se elabora de forma tão violenta e perversa e agrada tanto ao público feminino. E

é justamente a dimensão do agradar a grande questão. O que faz essa literatura, com um personagem caracteristicamente agressor ser tão atraente ao público feminino?

Controle, desejo de ter, desejo de não perder, desejo de que as mulheres nada queiram a não ser eles mesmos, são as pílulas de que nos falam os homens agressores...Mas o que faz com que as mulheres se enredem nessas difíceis relações amorosas? O desejo de se serem reconhecidas pelo olhar masculino, o único que as espelha, já que elas não se veem nos seus próprios espelhos? Seria o desejo de ser desejada tão mais importante que o desejo de desejar? (MACHADO, 2010, p. 73)

O discurso romântico da transformação do homem perverso em marido ideal e da utopia amorosa do casamento feliz são recursos que transbordam os folhetins desde o final do século XVIII na Europa. Além disso, a literatura erótica de Marquês de Sade na mesma época falava já de picantes relacionamentos e encontros nas alcovas do tesão-paixões sentidas pelos parisienses. Essas são imagens que permeiam o universo e o imaginário social ocidental onde o amor romântico e erótico se interpenetram e com um pouco de cuidados e muita paciência a mulher certa transforma o homem sofredor no galante herói da trama e diante de quaisquer empecilhos tudo se supera e empalidece e a grandeza do amor transcende.

No romantismo do imaginário histórico, as clivagens das desigualdades de gênero e os diferentes comportamentos no amor romântico podem ser percebidos na maneira como os sentimentos devem ser percebidos: a passividade do comportamento das mulheres e a agressividade do comportamentos dos homens. Assim, amar é saber reconhecer que há um sentimento maior que o prazer sexual na relação, algo maior e mais importante que a conjunção carnal.

No romantismo, a riqueza sentimental não era sinônimo de satisfação das sensações. Ser "sensível", do ponto de vista do sentimento, queria dizer possuir um alto grau de introspecção e de respeito e familiaridade com a vida emocional, cujas regras de satisfação ultrapassavam em muito o prêmio de prazer das sensações. O sujeito sentimentalmente exemplar era, sobretudo, aquele capaz de reconhecer na vida afetiva o que se tinha de melhor, do ponto de vista moral, e não, necessariamente, o que se tinha de mais prazeroso. (COSTA, 1999, p. 212)

A ordem natural do amor é aquela que sensibiliza o sujeito a sentir em função do outro. Anastacia Steele é figura que exerce esse atributo sobre Christian Grey. Ela o ama e ele gradativamente aprende como amá-la. O amor entre os dois transforma a "alma negra" deste herói traumatizado por uma infância terrível. É um romance que em princípio oferece os elementos clássicos das histórias das relações amorosas tradicionais contadas e recontadas em diversos momentos. Mas há algo mais que coloca Grey como um mocinho profundamente perturbador e enormemente controlador.

– Você não tem esse poder! – Francamente! E, antes que eu possa revirar os olhos para ele, a ficha cai com a velocidade de um relâmpago. – Ou tem?
Christian me lança seu sorriso enigmático.
– Você está comprando a editora – sussurro horrorizada.
Seu sorriso se desfaz em resposta ao pânico em minha voz.
– Não exatamente – diz ele.
Ele pisca para mim, cauteloso.
– Talvez.
– Comprou ou não?
– Comprei.
Que inferno.
– Por quê? – pergunto, chocada. Ah, não, isso é demais.
– Porque eu posso, Anastacia. Preciso de você em segurança.
(...)
– Não me faça rir quando estou com raiva de você! – grito.

E ele sorri, um sorriso deslumbrante, cheio de dentes, um modelo de perfeição, e eu não consigo evitar. Sorrio também e então, caio na gargalhada. Como eu poderia não ser afetada pela alegria presente naquele sorriso? (JAMES, 2012b, p. 59-60)

Neste sentido, o controle exercido por Grey seria parte de uma característica protetora que faria Ana se sentir "mais segura". É uma maneira no mínimo ultraromantizada da situação. Circunstâncias que seriam na vida real vivenciadas com profundo constrangimento são, no romance, colocadas como "experiências da paixão". Ana e Christian vivenciam o amor e a dor em igual proporção e o público entende que ambos fazem parte, na mesma medida, de uma

história romântica. É uma história pós-moderna. Os relatos da dor e os relatos do amor se fundem, pois os sujeitos se transformam de maneira positiva no exercício da ocupação de espaços com sentidos transversais da violência.

“Cinquenta Tons de Cinza”, embora contenha elementos românticos, foge ao conceito mais formal do romantismo clássico e apresenta ao público uma série de questões ficcionais romantizadas e que por isso mesmo, precisam ser problematizadas do ponto de vista social. A história é muito bonita sob um olhar idealizado romântico, mas os relatos reais apresentam outros tons em outras cores muito mais sombrias.

O homem é ensinado para olhar para suas ações num encontro como uma estratégia cuidadosamente construída para ganhar maior território possível. Cada ação é avaliada em termos do objetivo final – intercurso. Ele avança continuamente para ver “até onde pode ir”. Cada vez que ela (sua parceira no encontro) se submete à sua vontade, ele “avançou”, e cada vez que ela não faz isso, ele sofreu um “recuo”. Como ele já a vê como a parte adversa e o encontro como um jogo ou uma batalha, ele prevê a resistência. Ele sabe que as “moças boas não fazem isso” e assim ela provavelmente dirá “não”. Mas ele aprendeu a separar-se dela e dos interesses dela. Ele está mais preocupado em ganhar o jogo. Em vez de tentar comunicar-se com ela, ele tenta pressioná-la a dizer “sim”.

Cada vez que ela se submete à sua vontade, ele vê isso como uma pequena vitória (conseguindo o encontro, comprando-lhe uma bebida, ganhando um beijo ou acariciando seus seios). Ele joga com a sua indecisão, usando-a como uma oportunidade para dizer-lhe “o que ela realmente deseja”, o que, na verdade, é o que ele deseja. (WARSHAW, 1996, p.81)

Em “Mas ele diz que me ama” Penfold afirma que para cada tapa, ela ganhava um beijo e ela escolhia acreditar no beijo e era o que a mantinha ali. A ideia de que algo estivesse errado era assustadora e não fazia sentido. É claro que ele a amava, e tudo aquilo não passava de muito amor e que ela é que não entendia direito o que estava acontecendo. O amor dela tornaria Brian – o homem em questão, o herói de sua trama – um homem melhor. Era só amá-lo mais, amá-lo melhor. O amor tudo superaria e ela poderia transformá-lo. E vieram os abusos: verbais, emocionais, sexuais, físicos e de toda sorte. Ela acreditava no amor que sentia por ele. E por amor se manteve com ele. Como muitas mulheres ficam com seus maridos e companheiros. E como muitas mulheres sofrem diferentes tipos de abusos ao longo de seus relacionamentos. No caso de Rosalind Penfold (que é um pseudônimo) sua história tornou-se um “graphic novel de uma relação violenta” de grande divulgação – com traduções para a Espanha, Itália, França, Polônia, Alemanha, Holanda, Indonésia – e a produção de um site “de como uma relação violenta se parece” para maiores divulgações sobre a questão da prevenção da violência e do abuso de homens contra mulheres⁸.

É uma história que mostra a necessidade da visibilização da dor deste tipo de relacionamento e de como a romantização de determinados discursos alimentam e fomentam imaginários potencialmente desiguais nas estruturas hierarquicamente construídas de poder entre os gêneros. As relações de força são sempre potencialmente desiguais socialmente e as marcas culturais influenciam em nossos comportamentos, formas de expressar, desejos e prazeres. Portanto, os sentidos de amar transformam os modos como as mulheres e os homens percebem as maneiras de entender as formas de viver e sentir socialmente em suas identidades de gêneros e sexuais. Na verdade, tais sentidos constituem maneiras de existência em sociedade e significações de experimentação do mundo e suas sensibilidades. Desse modo, a sexualidade e a conformação dos sentimentos é não apenas uma questão pessoal, mas social, política e aprendida, construída através de uma série de dispositivos apresentados em sociedade ao longo da vida de muitos modos.

A partir desse entendimento os relatos de dor e de amor ganham contornos de representações simbólicas como uma linguagem que apresenta uma série de possibilidades discursivas e processos do real. Como uma sociedade de espetáculo as imagens fundem-se em grandes produções que se apresentam como adornos dos objetos, respostas e soluções de vivências do desejo de ser na experiência do outro sem nenhuma consequência ou responsabilidade sobre aquilo que se deseja. A comparação das fontes permite pensar que a grande questão que se coloca é justamente as falas de consumo dispostas em uma lógica ultra romantizada – em uma pedagogia de sentimentos que guia os sujeitos – na qual a ordem dos corpos reforça os sentidos sociais de dominação e desigualdade entre os gêneros.

As dinâmicas de poder de gênero e as masculinidades e feminilidades dos romances best-sellers comparados aqui demonstram que as imagens do masculino e do feminino veiculadas constroem nas relações amorosas sujeitos amorosos idealizados que perpetuam situações de violência e concretizam imagens sociais de dominação. As desigualdades romanceadas contribuem para a construção de lógicas sociais que engendram as noções de violência dentro das falas amorosas. É preciso compreender como historicamente determinados discursos são construídos e pensados como desejáveis, para só então poder existir a ruptura com os discursos desses padrões sobre mulheres e homens e suas características naturalizadas na sociedade.

NOTAS

¹ <http://editora.globo.com/pesquisas/pesquisa_marieclair_050712.htm> Acesso em 08.08.2016.

² <http://revistamarieclair.globo.com/Revista/Common/0,,EMI320636-17596-1,00-CONTOS+EROTICOS+A+VERSAO+DE+NOSSOS+LEITORES+PARA+CINQUENTA+TONS+DE+CINZA.html> Acesso em 08.08.2016.

³ De acordo com o site da revista Ms. suas "(...) operações agora estão localizados nos escritórios da Fundação Maioria Feminista em Los Angeles e Arlington, Va., Mas a mudança de local não mudou o escopo e a profundidade da informação que a ela tem sempre entregue. Ms. continua a ser uma premiada revista reconhecida nacional e internacionalmente como especialista em mídia sobre questões relacionadas com o estatuto das mulheres, os direitos das mulheres, e os pontos de vista das mulheres." (Tradução livre)

⁴ Sobre a revista ver: <http://www.msmagazine.com/about.asp>

⁵ O uso das imagens do livro não foi cedido pela editora e não poderão ser utilizadas nesse artigo.

⁶ Dados obtidos pelo IPEA em 2014. Sobre esse resultados consultar a página 06 da nota técnica "Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)

"<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf> Acesso em 16.10.2015.

⁷ A narrativa foi construída a partir de uma "fanfic" sexual da saga Crepúsculo. Fanfics são histórias contadas em sites feitas por fãs baseadas nos seus personagens prediletos. Sobre a trajetória da obra Cinquenta Tons de Cinza é importante ressaltar que começou como uma obra de uma fã e tornou-se uma publicação independente com características próprias:

"Nesse mundo fechado, em 2009, o que mais se comentava era uma história sombria chamada 'Masters Of The Universe' escrito por uma desconhecida chamada Icy. "O fandom de Twilight (Crepúsculo) estava com uma onda sadomasoquista. Surgiam várias histórias" comenta Angela Bathke, advogada de Florianópolis e também autora de fanfics. O sucesso de Masters Of The Universe, ou "MOTU" para os íntimos, fez Icy migrar suas histórias para um blog próprio e subitamente proibir traduções para outras línguas (prática comum para histórias que não tem nenhum tipo de fim lucrativo). Na segunda temporada (termo emprestado dos seriados e que equivalem os volumes do livro) de MOTU, por exemplo, o blog com a tradução russa foi tirado do ar. Os traços que ligavam MOTU a Crepúsculo foram sendo apagados da internet quando a autora passou de "Icy" para "E. L. James" e resolveu terminar a história em um e-book. Sucesso de vendas na internet, logo teve os direitos de publicação em papel adquiridos pela editora britânica Vintage Books. Sucesso de vendas na Grã-Bretanha, hoje já está traduzido para 37 línguas e acaba de ser lançado no Brasil pela Intrínseca, que arrematou os direitos de tradução em leilão por 780 mil dólares. Nunca antes uma fanfic tinha feito tanto sucesso. E os leitores/escritores do fandom de Crepúsculo se dividiram. Muitos abraçaram a obra de E.L. James. Outros, que chamam a série de Stephenie Meyer pelo nome original, Twilight, torceram o nariz para a publicação da James, que ainda tratam por "Icy".

"<<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/46919>> Acesso em 06.10.2015.

⁸ Sobre esse assunto veja o site <<http://www.dragonslippers.com/>> Acesso em 08.10.2015.

REFERÊNCIAS

COSTA, Jurandir Freire. Sem fraude, nem favor. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

JAMES, E. L. Cinquenta Tons de Cinza . Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012a.

JAMES, E. L. Cinquenta tons mais escuros. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012b.

JAMES, E. L. Cinquenta tons de liberdade. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012c.

JÚNIOR, Antônio Fernandes e SOUSA, Kátia Menezes de (orgs.) Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade. Goiânia: EdUFG, 2014.

MACHADO, Lia Zanotta. Feminismo em Movimento. 2ª ed. São Paulo: Francis, 2010.

MUCHEMBLED, Robert. História da Violência: Do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.

PENFOLD, Rosalind B. Mas ele diz que me ama. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de gênero no Brasil atual. Revista Estudos Feministas. Nº especial/2º sem./94, p. 443-461.

WARSHAW, Robin. Eu nem imaginava que era estupro. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1996.

WATT, Ian. A ascensão do romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SITES

Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar). http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf. Acesso em 16.10.2015.

<http://www.dragonslippers.com/> Acesso em 08.10.2015

<http://www.msmagazine.com/about.asp> Acesso em 08.10.2015